

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADOR CONVIDADO: ADOLFO ARRIETA
3 e 8 de Junho de 2022

IT HAD TO BE YOU / 1947
(Tinhas que Ser Tu)

Um filme de Don Hartman e Rudolph Maté

Realização: Don Hartman e Rudolph Maté / Argumento: Melvin Frank e Norman Panama, baseado numa história de Don Hartman e Allen Boretz / Direcção de Fotografia: Vincent Farrar e Rudolph Maté / Direcção Artística: Stephen Goosson e Rudolph Sternad / Música: Arthur Morton e Heinz Roemheld / Som: Jack Haynes / Montagem: Gene Havlick / Interpretação: Ginger Rogers (Victoria Stafford), Cornel Wilde (George McKesson / Johnny Blaine), Percy Waram (Horace Stafford), Spring Byington (Marta Stafford), Ron Randell (Oliver Harrington), Thurston Hall (Ned Harrington), Charles Evans (Parkinson), Billy Bevan (o mordomo Evans), Frank Orth (maquinista do comboio), etc.

Produção: Columbia / Produtor: Don Hartman / Cópia: Digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 94 minutos / Estreia em Portugal: Condes, a 18 de Fevereiro de 1950.

It Had to be You há-de levar a palma para filme mais buñueliano alguma vez feito em Hollywood. E involuntariamente buñueliano (estávamos só em 1947), para tornar tudo melhor e mais engraçado. Frustração e repetição, repetição da frustração e frustração da repetição, aplicadas ao charme discreto da burguesia americana - não se trata de jantares, mas vendo bem as coisas, trata-se de bodas, e de um copo-de-água que nunca mais acontece. A primeira sequência é admirável: em rápida sucessão, e planos quase idênticos apenas com intervenientes diferentes (pelo menos um, o noivo), vemos uma cerimónia nupcial a ser interrompida in extremis – “oh, no I can’t”, diz sempre a personagem de Ginger Rogers, entre a aflicção e o alívio, cancelando três casamentos em pleno altar. É o suficiente para o filme nos apresentar a personagem e um padrão de comportamento; pode então parar e instalar-se no lapso de tempo entre a terceira boda cancelada e uma quarta boda projectada. Vai-se desfazer a maldição buñueliana, é desta que alguma coisa se consuma?... Até é, mas como o espectador verá, não nos moldes canónicos que toda a gente espera.

Podemos continuar a enfileirar adjetivos para **It Had to Be You**. “Feminista”, por exemplo: ou não é, do princípio ao fim, um filme a olhar o casamento de uma perspectiva exclusivamente feminina, e escorado nesse princípio muito simples, talvez ainda não muito praticado em 1947, que é o direito à auto-determinação matrimonial da mulher? Há “screwballs” assim, claro, se não forem todas assim, mas esta leva as coisas a um ponto limite, e é por ser “limite” que, debaixo da sua bonomia, é tão subversiva.

“Screwball comedy”, sim, embora aparentemente lhe falte um dos aspectos centrais do género, “o recasamento”, visto que logo pela introdução ficamos a saber que nunca houve casamento nenhum. Mas não é bem assim, e por ínvios caminhos (o encontro, primeiro em carne e osso e depois através de “home movies” da infância, de um antigo colega de escola) a personagem de Ginger Rogers vai ficar fixada na ideia de uma espécie de “recasamento”. Mas se é “screwball” – tem ritmo e loucura

de “screwball”, e a insuperável Ginger Rogers tem obviamente todo o ritmo e toda a loucura da “screwball” – é “screwball” traçada com surrealismo. Que espantosa (e engenhosamente filmada) é a cena do sonho de Ginger no comboio, logo a seguir à sucessão de casamentos frustrados, e que diabólica é a imaginação daquela personagem do Cornel Wilde “imaginário”, que começa por aparecer vestido de índio sabe-se lá porquê (será preciso esperar até a meio do filme, e à cena dos “home movies”, para se perceber porquê) e depois fica por ali a pairar e a causar imensos quiproquós com o seu duplo na vida real, que também é Cornel Wilde. Mas a realidade e a irrealidade de um de outro são relativas, assim como eles são o mesmo e não são o mesmo – a porta “surrealista” do filme, uma vez aberta na cena do sonho (e há outras cenas de sonho, também espantosas), não se volta a fechar.

Como é evidente, vendo o filme no contexto da carta branca a Adolfo Arrieta, há uma ligação (ou mais do que uma, mas uma claríssima) entre este filme e a obra dele que não carece – para quem tenha seguido os filmes de Arrieta – de qualquer explicação. **Flammes**: Arrieta, na justificação do programa que escolheu, falou em filmes que viu na infância e que por alguma razão ficaram com ele. Apostávamos que um deles era **It Had to Be You**, e que este filme não só não o abandonou como encontrou caminho até à sua obra. Quando se sabe que o amigo de infância por quem Ginger Rogers desenvolve uma fixação (um amigo que vem do sonho, do subconsciente adormecido, dos “home movies”) é, em adulto, um bombeiro, a ligação é automática, tão automática como a relação que há entre os planos do quartel e dos bombeiros no filme de Don Hartman e Rudolph Maté e os planos similares nas **Flammes** de Arrieta. Em “linguagens” diferentes, estamos no mesmo domínio de um lirismo em simultâneo muito romântico e muito fetichista, muito onírico e muito cheio de flores de Coleridge.

E, por falar em fetichismo e em flores de Coleridge. Que é que se vê no último plano de **It Had to Be You**? Um reenquadramento para que o filme feche dando em grande plano os “mocassins” do Cornel Wilde “imaginário”. Mas, avisámos na primeira frase, este filme (a estreia na realização quer de Don Hartman, mais conhecido como produtor, e de Rudolph Maté, que se tornaria um dos grandes nomes da “série B”) há-de ser o mais buñueliano alguma vez feito em Hollywood.

Luís Miguel Oliveira